

EDITORIAL

Caros leitores, nesta edição da *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental* reunimos temáticas que inauguram o novo escopo da revista e apontam para a polissemia da noção de saúde mental.

Na entrevista de Fernanda da Rocha Marques Nunes com Jô Gondar e Eliane Schueler Reis, são explorados aspectos centrais do livro que Eliane e Jô lançaram em maio pela editora 7letras, intitulado *“Com Ferenczi: Clínica, Subjetivação, Política”*. As autoras destacam as transgressões e singularidades da psicanálise de Sandór Ferenczi, refletindo sobre a importância do pensamento deste psicanalista, geralmente preterido, contudo tão essencial para a clínica contemporânea.

O primeiro artigo, *Legislação em saúde mental no Brasil (1966-2001) – trajeto das campanhas de saúde às reformas na assistência*, de Guilherme Bertassoni da Silva, Adriano Furtado de Holanda e Gessica Greschuk Ribeiro, traz um apanhado histórico das leis e práticas de assistência à saúde mental no Brasil desde a década de 60. A pesquisa aponta para as transformações e sentidos que recebeu a atenção à saúde mental, respaldadas pela legislação brasileira, sob a influência europeia do movimento contrário a lógica manicomial.

Na sequência, Madalena Becker Lima problematiza a formação dos sintomas psicossomáticos por uma perspectiva psicanalítica, particularmente, lacaniana, baseada em estudo de caso decorrente da prática clínica em uma fundação especializada em tratamentos dermatológicos. O artigo problematiza o emblema da psicossomática na psicanálise: falta a representação simbólica.

Samara Feitosa, em seu estudo *“O que é que Freud tem a ver com isso? Sentimento de culpa entre mães de presos e presas em duas unidades do Complexo Penal de Piraquara”*, discorre sobre a posição social da mulher na modernidade, que teria sido construída historicamente e impõe um padrão de maternidade marcado pela culpa. A autora demonstra o imaginário sôfrego e culposos desta maternidade por meio do discurso de mães de prisioneiros em instituições penais, com isso instiga uma provocação sobre o papel da psicanálise nesta construção social da figura materna.

No estudo sobre o papel da ocitocina no contexto de decisão social, Kamilla Krasinski Caron Santos, Uliana Fernanda Pozzobon, Lilian Caron, Mara Cristiane Rodrigues Aguilá, Hélio Anderson Tonelli, apontam para crescente atenção científica a esse hormônio e a seus efeitos

no organismo. Por meio de um mapeamento de pesquisas neurocientíficas sobre o assunto, os autores analisam evidências de que o hormônio influi nas relações sociais de caráter colaborativo e altruísta.

Com foco no processo de aprendizagem, Natália da Cunha Chiminaso e Nayane Martoni Piovezan, fazem um levantamento de pesquisas de campo, que utilizam escalas e testes para verificar a relação entre leitura, atenção e compreensão de textos, de forma a identificar diferenças e correlações entre esses processos psíquicos, no que tange a aspectos como gênero, ensino particular e público, e séries ou faixa etária. Tais estudos são substrato para a pesquisa de campo realizada pelas autoras utilizando o TEACO-FF e Teste Cloze.

Na mesma série temática, Ana Moreira Borges De Macedo e Giovanna Beatriz Kalva Medina, trazem uma revisão de literatura sobre pesquisas ligadas à importância do relacionamento interpessoal e do desenvolvimento sócio emocional nas escolas, e assinalam que a função da escola hoje extravasa a mera transmissão do conhecimento científico.

Monique de Lazari Betenheuser e Rosana Angst Pasqualotto, na sequência, apresentam em seu artigo uma pesquisa de campo que identifica comportamentos resilientes e estratégias de enfrentamento utilizadas por professores que trabalham com alunos com dificuldades de aprendizagem. O artigo problematiza não só as dificuldades e riscos, mas também os aspectos de proteção.

O artigo de Fernanda Luzia Lopes e Taís Dias da Rocha amarra os estudos sobre a educação, apresentando uma pesquisa sobre as relações entre motivação e atitude de estudantes do ensino superior com relação às provas do Enade. Por meio da aplicação da Escala de Motivação Acadêmica e da Escala Informatizada de Atitudes frente ao Enade, as autoras identificam aspectos que podem influenciar na representação e na atitude que os estudantes têm sobre a prova.

Que seja uma leitura proveitosa.

Alexandra Arnold Rodrigues, Dra.
Editor